

Diretrizes Curriculares de Jornalismo: a relevância dos conteúdos e gêneros jornalísticos na formação do egresso¹

Maria Elisabete Antonioli
ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil²

Resumo

O presente estudo aborda a relevância dos gêneros jornalísticos no ensino de jornalismo, tendo em vista a formação qualificada do egresso. Considera a presença desses gêneros nas Diretrizes Curriculares de Jornalismo, que apontam diversos conteúdos em que eles estão contemplados. Discute, também, o desenvolvimento da produção jornalística atual, suportada pelas tecnologias da informação e da comunicação que possibilitam uma série de inovações no fazer jornalístico. Nessa perspectiva, assinala-se a necessidade de que os gêneros jornalísticos sejam devidamente compreendidos pelos alunos para que possam ser utilizados com propriedade nas diversas narrativas e plataformas atuais.

Palavras-chave: diretrizes de jornalismo; gêneros jornalísticos; jornalismo; jornalista.

A partir da criação do curso superior de Jornalismo, os gêneros jornalísticos marcaram presença no ensino, desde quando havia a obrigatoriedade de currículo ou currículo mínimo, também com as Diretrizes Curriculares de Comunicação Social e as atuais, do Bacharelado em Jornalismo. Eles são fundamentais, haja vista a necessidade que o jornalista tem de conhecer, saber diferenciar e praticar em suas narrativas os diversos gêneros existentes.

Entre as pesquisas sobre gêneros jornalísticos, destacam-se as efetuadas pelo professor José Marques de Melo periodicamente atualizadas. Lailton Costa (2010),

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo e com pós-doutorado na mesma instituição. É coordenadora e professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP.

apresenta os gêneros jornalísticos classificados por Marques de Melo: jornalismo informativo, cujo formato poderá ser: nota, notícia, reportagem, entrevista; jornalismo opinativo, com os formatos: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta; jornalismo interpretativo, que apresenta os formatos: dossiê, perfil, enquete, cronologia; jornalismo utilitário e os formatos: indicador, cotação, roteiro, serviço, e jornalismo diversional, que tem os formatos: história de interesse humano e história colorida. Deve ser atentado, como aponta Marques de Melo (2010) que é preciso conhecer as especificidades do relato jornalístico nos suportes antigos e novos. Nesse sentido, observam-se as pesquisas sobre gêneros televisivos, gêneros radiofônicos e, as mais recentes, que abordam os gêneros no ciberjornalismo. São relevantes os estudos que se debruçam sobre esta questão, pois com as novas tecnologias da informação e comunicação novos formatos surgiram e outros ainda deverão ser criados. Então, é preciso que o jornalista tenha clareza sobre o conteúdo que produz e, durante sua formação acadêmica, ele, necessariamente, deverá ser capacitado para o desenvolvimento dessa competência.

Nos seis eixos de formação previstos nas Diretrizes Curriculares de Jornalismo verifica-se a necessidade de conhecimento dos gêneros jornalísticos: eixo de fundamentação humanística, principalmente quando prevê capacitar o jornalista a exercer a sua função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania. Eixo de fundamentação específica, principalmente com o objetivo proporcionar ao jornalista clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade de sua profissão. Eixo de fundamentação contextual, principalmente com o objetivo embasar o conhecimento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, inclusive as rotinas de produção e os processos de recepção. Eixo de formação profissional, que tem por objetivo embasar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com o universo dos processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, fomentando a investigação dos acontecimentos relatados pelas fontes, bem como a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas. Eixo de aplicação processual, que tem por objetivo proporcionar ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, garantindo coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho. Eixo de prática laboratorial, que tem por objetivo desenvolver conhecimento e habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e

valores, integrando os demais eixos, alicerçados em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros.

Com relação às competências pragmáticas, as Diretrizes preveem que o jornalista deve ter o conhecimento de conceitos e o domínio das técnicas dos gêneros jornalísticos. Também assinalam que o profissional deve: interpretar e explicar informações relevantes da atualidade; perseguir elevado grau de precisão no registro e na interpretação dos fatos noticiáveis; organizar pautas e planejar coberturas jornalísticas; formular questões e conduzir entrevistas; dominar metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição, produção, edição e difusão; produzir enunciados jornalísticos com clareza, rigor e correção, e ser capaz de editá-los em espaços e períodos de tempo limitados; traduzir em linguagem jornalística e preservar os conteúdos originalmente formulados em linguagens técnico-científicas, mas cuja relevância social justifique e/ou exija disseminação não especializada; elaborar, coordenar e executar projetos editoriais de cunho jornalístico para diferentes tipos de instituições e públicos; elaborar, coordenar e executar projetos de assessoria jornalística a instituições legalmente constituídas de qualquer natureza, assim como projetos de jornalismo em comunicação comunitária, estratégica ou corporativa; dominar linguagens midiáticas e formatos discursivos utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação.

Nas competências cognitivas apontadas pelas Diretrizes verifica-se a presença dos gêneros jornalísticos quando o profissional deve: compreender as especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo, em suas complexidades de linguagem e como forma diferenciada de produção e socialização de informação e conhecimento sobre a realidade. Já nas comportamentais, está previsto atentar para os processos que envolvem a recepção de mensagens jornalísticas e o seu impacto sobre os diversos setores da sociedade. No documento das Diretrizes, de forma explícita ou não, verifica-se a importância dos gêneros jornalísticos no ensino para que o aluno tenha condições de produzir, com propriedade, as diversas narrativas que são de sua responsabilidade profissional.

Especificamente, em relação aos currículos dos cursos oferecidos no país, uma leitura desprendida de comprometimentos metodológicos, permite verificar que em alguns deles existe uma disciplina denominada Gêneros Jornalísticos mas, na maioria, os gêneros estão distribuídos em diversas disciplinas. Esta não é uma questão que interfira na

qualidade do que é oferecido mas, apenas, uma opção, de acordo com a construção dos projetos pedagógicos e matrizes curriculares dos cursos. No entanto, observa-se, também, que em alguns cursos a presença dos gêneros jornalísticos nas matrizes oferecidas é mais acentuada que em outras. Nos casos em que os gêneros são trabalhados com mais ênfase, fica evidente que a formação do egresso, em relação a esse aspecto, será mais consistente. As palavras de Marques de Melo (2010:23) são relevantes em relação a essa questão, pois o pesquisador faz uma crítica ao considerar que existe uma lacuna, quando os jovens encontram resistência no mercado de trabalho, por desconhecerem, em sua grande maioria, as especificidades do relato jornalístico e “de sua aderência a um sistema que os diferencia por gêneros, formatos e tipos, determinados pelos antigos e novíssimos suportes.” Em concordância com o pesquisador, observa-se que o correto entendimento dos gêneros jornalísticos bem como sua devida aplicação é uma questão pedagógica a ser tratada com rigor nos cursos de jornalismo.

Novas narrativas jornalísticas no ambiente digital

O início do século XXI deixa registrado na história mudanças substanciais no mundo do trabalho dos jornalistas, principalmente em função do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação que alteraram profundamente o modo de fazer de suas atividades.

Se hoje o jornalismo é produzido de forma totalmente diferente do século passado, a formação do jornalista pelas escolas também ocorre de maneira análoga em termos da práxis. Para isso, a contribuição das Diretrizes de Jornalismo é fundamental, pois elas devem nortear os cursos na busca de um profissional conectado com a realidade atual e que tem no suporte tecnológico um forte instrumento para produção e veiculação de conteúdo. Nesse sentido, o Documento das Diretrizes Curriculares aponta esse cenário marcado pelo aparato das tecnologias de difusão e pela instantaneidade, assim como, pela participação da audiência nesse processo, ao sinalizar “um mundo caracterizado pela capacidade discursiva das organizações e dos cidadãos” (*on line*: 2009, pág. 3). Ainda, sobre esses sujeitos, o texto se refere, também, às suas ações discursivas, veiculadas pelos gêneros jornalísticos, mas procura enfatizar que é na compreensão do jornalismo que deve ser assumida uma linguagem narrativa e uma eficácia argumentativa no espaço público.

Atualmente a produção do jornalismo ganhou novos aportes e a participação do cidadão no espaço comunicacional conquistou voz. Em paralelo, os conteúdos, conceitos e práticas vitais precisam, necessariamente, ser aprendidos e compreendidos pelos alunos. Nesse sentido, é inevitável que os discentes entendam, saibam distinguir e pratiquem os diversos gêneros jornalísticos presentes nos relatos que estão nos diversos meios e, principalmente no ambiente web onde há um aumento significativo de publicações. Lia Seixas (*on line*: 2009), menciona essa questão:

Com as novas mídias, surgem novos formatos, se hibridizam, se embaralham os gêneros. A noção de gênero entra, mais uma vez, em cheque. Por isso mesmo passa a ser vista com mais atenção. Alguns gêneros podem acabar, outros podem aparecer. Alguns se transformam, outros se mantêm. Com as novas mídias, as práticas discursivas passam a experimentar e produzir novos formatos, que podem se instituir ou não em novos gêneros (SEIXAS: *on line*, 2009, pág. 2).

Helder Bastos (*on line*) também discute essa pauta e afirma que mais do que uma readaptação de modelos narrativos tradicionais, o que vemos hoje é o lançamento da criação de um novo gênero jornalístico, assentado em diversos paradigmas, bem como, em alguns aspectos dissidentes daqueles que marcam o texto noticioso das mídias tradicionais. Para ele:

A nova narrativa introduz simultaneamente fatores de complexidade e abrangência, que passam pela escolha alargada de elementos, delineamento e estruturação, hipertextualização e consideração de opções de interatividade. Convidado a concentrar em si o máximo de proficiência técnica no domínio da multimídia, o ciberjornalista vê-se na contingência de pensar cada vez menos em termos de redação linear para se aproximar progressivamente do conceito de *produção jornalística* (BASTOS: *on line*, pág. 7).

No ensino de jornalismo, é exatamente com relação a esses recentes formatos que é preciso atenção, pois os professores estão lidando com novos ambientes e novas narrativas que proporcionam a hibridização dos gêneros ou mesmo uma superposição dos mesmos. O aluno, por sua vez, deve conhecer e aplicar corretamente os gêneros para não suscitar dúvidas na composição de sua produção. Para Bastos (*on line*) o ciberjornalismo expande alguns limites do jornalismo das mídias tradicionais, pois vai além das notícias, e inclui ideias, histórias e diálogos. Esse ambiente digital proporciona novas produções em texto, áudio, vídeo, gráfico, animações e, nesse sentido, o documento das Diretrizes aponta para que os egressos de jornalismo dominem linguagens midiáticas e formatos discursivos utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades

tecnológicas de comunicação. Dominem o instrumental tecnológico – hardware e software – utilizado na produção jornalística, bem como, avaliem criticamente produtos e práticas jornalísticas.

Para Bastos (*on line*), a narrativa jornalística hipermídia não resulta apenas da disponibilização de matéria-prima multimídia nas páginas web, mas exige uma conjugação integrada de elementos com base numa gramática própria. O pesquisador aponta, também, uma preocupação, quando afirma que a gradual consolidação conceitual desse gênero narrativo não tem sido acompanhada em dimensão significativa pelas mídias *online*, uma realidade em que há investimento insuficiente em meios técnicos e humanos nas redações digitais e escassa formação específica em ciberjornalismo avançado.

Seixas lembra (2009: *on line*) que, com as novas mídias, os gêneros ganham atenção. Torna-se clara a diferença entre formato e gênero. Com a multimídia da mídia digital, se explicita a separação que marcou os estudos do gênero jornalístico: por mídia. Analisam-se os gêneros televisuais, radiofônicos, digitais e do jornalismo impresso. A tradição dos estudos sobre gêneros jornalísticos trabalhou separadamente por mídia ou por domínio (área do saber). Enquanto a mídia é considerada um critério de genericidade, o domínio é colocado em segundo plano (SEIXAS: 2009, *on line*, p. 71). Marques de Melo (2010) lembra que nunca deixou de considerar o retrato dos gêneros como um espelho de uma conjuntura específica e longe de considerá-lo como fonte duradoura, alertando para sua natureza efêmera. Portanto, é mais um desafio para os cursos de jornalismo que têm à sua frente um vasto campo de natureza pedagógica para a pesquisa e ensino, pois os gêneros jornalísticos na mídia digital se encontram, ainda, em fase recente de estudos, assim como a própria mídia, diferentemente da impressa, da qual os gêneros se originaram.

No que concerne ao ensino, propriamente dito, deve constituir preocupação dos docentes a orientação dos gêneros jornalísticos em sua ampla dimensão, ou seja, desde as classificações tradicionais, como a de Marques de Melo, assim como os estudos nos ambientes digitais que procuram alargar a discussão, mediante as novas plataformas que oferecem recursos para que o relato possa ser construído em diversos formatos e, ainda, pensando-se na convergência entre eles.

Outra questão que deve ser enfatizada, ainda, é que o aluno tendo a devida compreensão dos gêneros jornalísticos quer seja no ambiente digital ou não, deve também, saber utilizá-los na prática e, para tanto, a disponibilização de laboratórios em condições satisfatórias é fundamentalmente importante. O jornalismo sempre necessitou de suporte tecnológico para sua exposição mas, agora, com o ambiente digital, essa premissa se ampliou significativamente. As escolas de jornalismo devem estar preparadas, pois se, por um lado, houve um barateamento dos componentes tecnológicos, em contrapartida, o desenvolvimento das tecnologias é célere, sendo imprescindível investimentos para a manutenção dos laboratórios em condições adequadas de aplicação.

É preciso ter sempre como norte que, nos cursos de jornalismo o ensino da teoria dessincronizada com a prática é uma questão ultrapassada. Os conceitos e a teorização devem caminhar em paralelo com a experiência prática. Essas condições propiciam aos alunos o exercício de experimentar e criar novos formatos de publicação de relatos e, não apenas, a reprodução do que já é feito pelos veículos, colaborando com a evolução conceitual dos gêneros jornalísticos no ambiente digital.

Considerações finais

Nessas palavras finais, observa-se que as considerações assinaladas neste trabalho não tiveram a pretensão de discutir propriamente os gêneros jornalísticos, sejam aqueles tradicionais ou as novas premissas que levam em conta a presença do ambiente digital. Nessa perspectiva, foram apontados os estudos de José Marques de Melo, Lia Seixas e Helder Bastos.

A possível contribuição deste trabalho se orienta para uma reflexão sobre a importância da presença dos gêneros jornalísticos no ensino de jornalismo e a responsabilidade que as escolas e o corpo docente têm na formação do egresso. Nessa perspectiva, as Diretrizes Curriculares do Bacharelado em Jornalismo se constituem em um documento norteador para a elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos, mas é preciso, também, no que concerne aos gêneros jornalísticos, que eles não estejam presentes apenas nas matrizes curriculares dos cursos em sua forma documental, mas sim, no entendimento e práxis dos alunos. É primordial que a contribuição dos gêneros jornalísticos leve o aluno a compreender os processos de narração por meio dos acontecimentos e a construção das

diversas narrativas lineares ou não lineares. O aluno deve construir seu repertório de modo que tenha claro qual o gênero que está desenvolvendo e para qual formato. Dessa forma, os gêneros jornalísticos são motivo de estudos e pesquisas, principalmente, agora, com a presença dos aportes digitais. Os professores, por sua vez, não podem se distanciar das discussões sobre gêneros, como também, sobre as novas tecnologias da comunicação e informação que proporcionam no ambiente digital possibilidades múltiplas para a narração dos fatos e interação com o leitor. Nesse sentido, a preparação adequada do egresso de jornalismo é fundamental para que ele atenda a esse novo perfil de profissional, cujo modo de produzir se alterou profundamente nesse início de século.

Nesse sentido, vale destacar as palavras de Marques de Melo (2010) ao afirmar as metas a serem alcançadas pelo Grupo de Pesquisa em Gêneros Jornalísticos da INTERCOM, instituído no ano de 2009: revisar criticamente o conhecimento acumulado sobre gêneros jornalísticos, elaborando relatos periódicos sobre o “estado da arte”. Observar sistematicamente a natureza dos gêneros jornalísticos cultivados pela mídia brasileira, disseminando estudos que possam suscitar o diálogo com os seus produtores e usuários. Elaborar material didático sobre gêneros jornalísticos para uso nas universidades e escolas de segundo grau de todo o país. Manter permanente diálogo com os membros da comunidade acadêmica mundial que se dedicam ao estudo desse objeto.

No caso das universidades, destaca-se a importância da formação do egresso e a colaboração dos professores e pesquisadores para aperfeiçoar o ensino também em relação à orientação conceitual dos gêneros jornalísticos à prática dos alunos.

Referências

ANTONIOLI, Maria Elisabete. Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. V. 4, n. 15, 2014.

BASTOS, Helder. **Ciberjornalismo e Narrativa Hipermedia**. Universidade do Minho. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-e-narrativa-hipermedia.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866. Acesso em: 20 set. 2009.

COSTA, Lailton. Gêneros Jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.) **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros Jornalísticos: Conhecimento Brasileiro**. MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.) **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os Gêneros Jornalísticos**. Proposta de novos critérios de classificação. Covilha: Labcom, 2009. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf. Acesso em: 03 mai. 2010.

_____. Por uma outra classificação: gêneros discursivos jornalísticos e gêneros discursivos jornalísticos. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, dez. 2009.